



Director literario:

Arquibaldo Campa
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juan Collado
 PAPUSSE


Um drama na floresta

 ■
 P o r

João de Matos Martins Coimbra

Desenhos de TIONONIO
 ■



NUMA bela tarde de verão, Jorge, montado na sua égua favorita, galopava, a toda a brida, pela floresta. Já fatigado de tanto galopar, chegou a uma clareira onde se dispunha a descansar, quando gritos aflitivos lhe chegaram aos ouvidos. Procurando guiar-se pelo som dos gritos, Jorge correu para um massiço de verdura, que afastou, deparando-se-lhe então um espectáculo que lhe gelou, por momentos, o sangue nas veias. Uma enorme pantera esforçava-se por despedaçar, com as potentes garras, um jovem índio, de estatura gigantesca, que lutava desesperadamente. Recuperando o sangue frio, Jorge fez uma cuidadosa pontaria à cabeça da fiera. Soou uma detonação e a pantera, mortalmente ferida, rolou pelo solo. O índio desmaiara devido à muita

perda de sangue. Jorge ajoelhou junto d'êlo e molhando o lenço no cantil humedeceu o rosto do ferido, que soltando um suspiro recuperou os sentidos. O índio, que se chamava Coração-Heroico, e era filho do chefe duma tribo que próximo acampava, pediu a Jorge que o acompanhasse, ao que este acedeu gostosamente, pois há muito desejava ver de perto as rústicas cabanas indianas. Montaram ambos na soberba égua, que os levou velozmente através da floresta. Chegados ao acampamento, foram recebidos com muita



alegria e a pedido do chefe, Raposa Veloz, Jorge acedeu a ficar uns dias junto dos índios. Jorge olhava curiosamente as mulheres da tribo, quando uma jovem branca, que as outras rodeavam respeitosa e atentamente, lhe atraía fortemente a atenção. A donzela estava linda com o traje pitoresco das indianas. Era de estatura regular e bem proporcionada. Uma magnífica cabeleira castanha emoldurava-lhe o rosto, onde brilhavam uns grandes olhos da cor do mar. Jorge não desviava o olhar ardente daquela gentil menina que, no meio das indianas, parecia um anjo entre demónios. Ela também não desfitava o formoso rapaz. Coração-Heroico, vendo a admiração deste, explicou-lhe que Anita (assim se chamava a jovem) era sua noiva e que lóra encontrada na floresta, pelos índios, quando era ainda muito pequenina.

Ao fim de dois dias Jorge e Anita estavam loucamente apaixonados um pelo outro e dispostos a fugir. Coração-Heroico, porém, velava e quando uma manhã foi procurar Anita à sua cabana, não a encontrou. Correu à cabana de Jorge e encontrou-o pronto a partir levando consigo Anita. Cego pelo ciúme, o índio cravou o seu punhal no seio de

Anita. Jorge e Coração-Heroico travaram um luta feroz. O índio mais forte, venceu-o por fim, sobre o peito do qual apoiou fortemente o joelho. As suas mãos, fortes como tenazes, rodearam o pescoço de Jorge, prontas a estrangulá-lo. Súbitamente largou-o. Dum pulo chegou junto de Anita, tomou-a nos braços, beijou-lhe a fronte pálida, e depondo-a nos braços de Jorge que se erguera, disse com voz trémula:

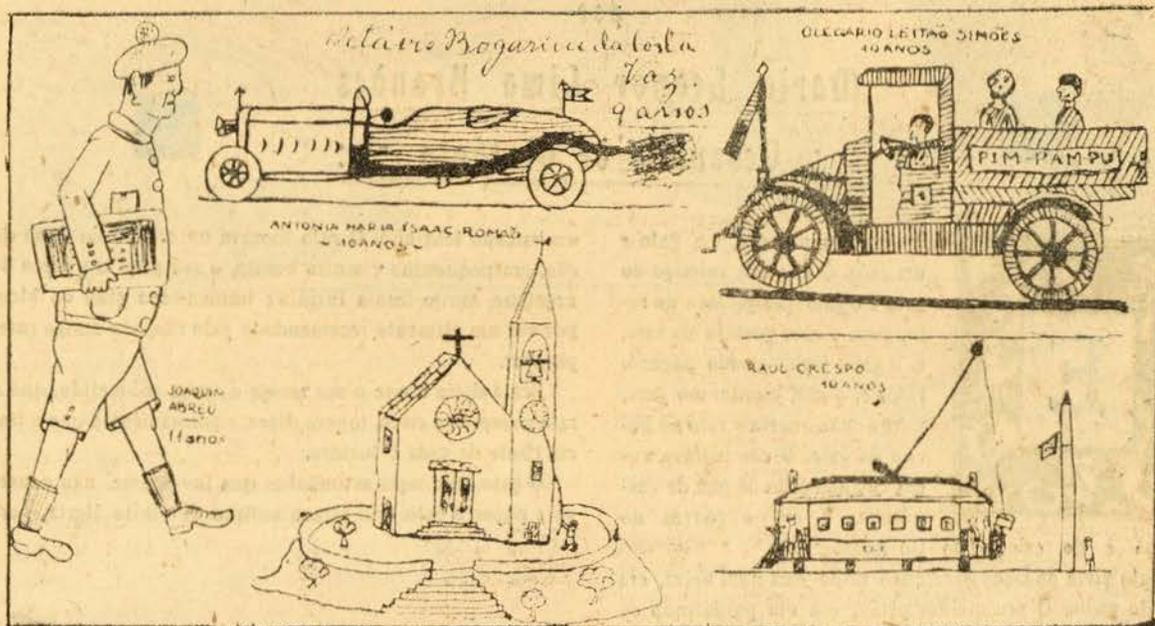
— Vai-te e leva-a! Salvaste-me uma vez a vida, não quero tirar-te a tua. Amas Anita e ela corresponde-te. Não quero sacrificá-la. Leva-a, mas para muito longe, para onde eu jámais a veja, porque pagá a minha dívida não esperes mais de mim!

Jorge montou a sua égua e afastou-se comovidíssimo, levando o corpo inanimado de Anita, que dava evidentes sinais de vida, apesar de se conservar desmaiada.

Coração-Heroico, ao ver afastar-se a mulher que adorava, tombou sobre a relva, e o seu corpo hercúleo contorceu-se durante muitas horas nuns soluços convulsivos. Era o seu amor por Anita que o levava a quasi se arrepender da sua acção generosa.

■ F I M ■

DESENHOS INFANTIS



Anecdota

Maneira fácil de cortar os ca-



— A que horas parte o comboio de um quarto para as oito?
— Às sete e quarenta e cinco,
— Muito obrigado. Julgava que era às sete e três quartos.



belos á
«Garçon-
ne».
Sem pa-
tente de
invenção.



O cão, o gato e o rato

por

Maria Leonor Lima Brandes

: : Desenhos de Tiotônio : :



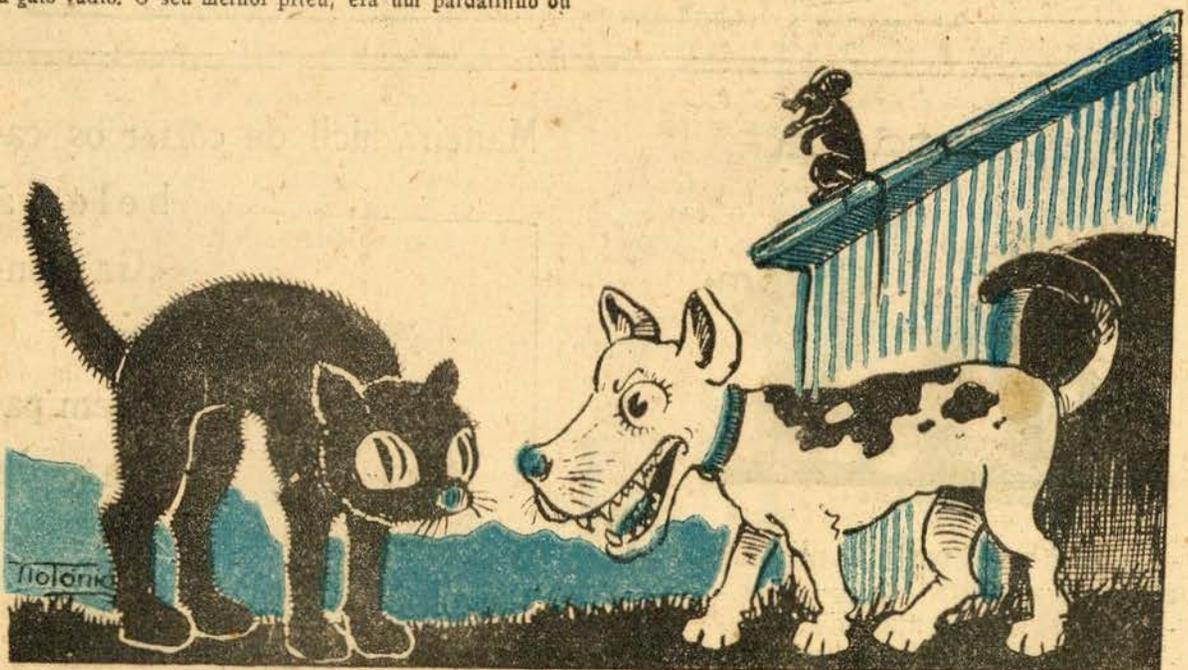
ERA uma vez um cão, um gato e um rato. O cão era inimigo do gato e o gato não gostava do rato, mas, o cão, gostava do rato, e, o gato, tinha jurado papar o rato, e, o cão, mordia no gato, porque não queria o rato no bucho do gato. O cão morava numa casinha feita de pau de casquinha, e era o guarda do quintal e do celeiro do tio Anastácio.

O gato vivia ao Deus dará... não tinha eira nem beira, era um gato vadio. O seu melhor pitêu, era um pardalinho ou

um ratinho tenrinho. O rato morava no celeiro do dono do cão, era pequenino e muito bonito, o seu pêlo era preto de azeviche, muito fino e luzidio; tratava-se a grão de bico, por ser um alimento recomendado pelo cão, seu amigo inseparável.

Era a dieta a que o seu amigo o tinha submetido, que o rato cumpria à risca, (quero dizer, rigorosamente), que o trazia cheio de vida e luzidio.

O gato, por mais artimanhas que inventasse, não conseguia papar o rato, que estava sempre de olhito àlerta, por-





que não queria ter a sorte funesta de alguns seus irmãos e de muitos seus amigos, menos espertos do que ele, que tinham ido parar ao fole das migas, que é, como quem diz, ao céu dos pardais, que é a barriga dos gatos.

Vamos a ver, meus meninos, se são da minha opinião. Eu tenho esta, que é muito minha. Os gatos deviam ser deportados, porque teem cometido muitos crimes.

Além de matarem os ratos e os pardais, comem-nos!

Que selvagens são os gatos!

Eu só gosto do meu «Pompadour», que se alimenta, como a sua dõna, com sopinhas de feijão e «puré» de batata, e lá uma vez por outra, (que não faz mal), dou-lhe sopinhas de carápas e lulazinhas guizadas. Os ratinhos, para ele, só lhe servem de entretenimento; brinca com eles e deixa-os fugir. E' por isso, e por ser habil nos seus saltinhos, que eu sou muito sua amiga.

Como tinha começado a contar-vos a historia do cão, o gato e o rato, entendo que o meu gato não é para aqui chamado; por isso...

Que selvagens são os gatos!

Mas são os outros, o meu é bom, não pode nem deve entrar na conta dos maus.

O celeiro do tio Anastácio tinha uma janela que dava para o quintal e no quintal havia um pço. O gato uma vez pensou: — Que diabo, desta feita não me escapas, tenho a ratoeira bem armada, veremos o resultado, e, dizendo isto, escondeu-se, mas não tão bem que o cão não o visse, e como amigo que era do rato, logo o foi prevenir. Ao-ão-ão-rebêu-

bêu-bêu-bêu, que na sua linguagem quer dizer: — Não saias ratinho, lá do teu buraquinho, que o gato mulato é muito mauzinho. E o rato percebeu tudo muito bem e não saiu. E assim o gato mais uma vez viu que o rato era mais esperto do que ele. Já tinham sido tantas e tão variadas as artimanhas do gato para papar o rato, que não deram resultado. O gato tinha já perdida a esperança de tomar o paladar daquele ratinho mais fino que um coral.

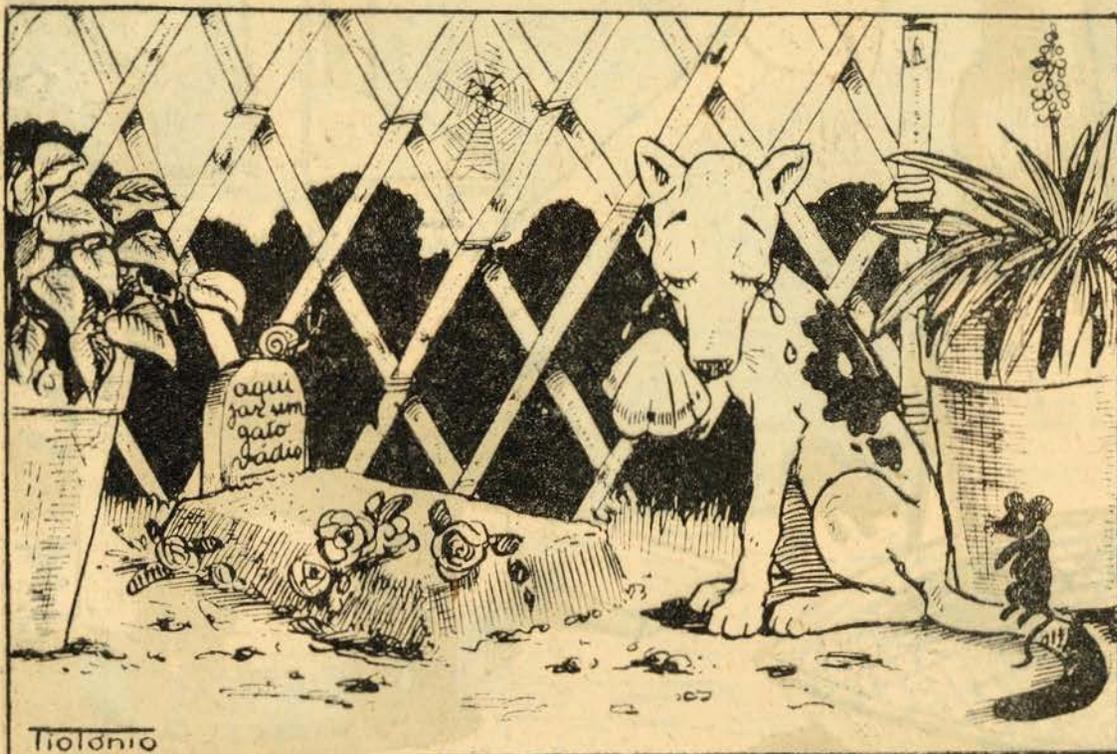
Ai meus meninos! Aquele gato, sem teira nem beira era um gato muito mau, só vivia com uma intenção; — matar, destruir. E os ratinhos, os pardais e as pardocas, também têm direito à vida, não é verdade?

O cão, aquele animal tão inteligente e único protector do pobre rato, jurou um dia vingar aqueles que pereceram aos dentes e às garras aduncas do gato maldito, e... Uma vez, ainda me lembro bem, era eu pequenina, ia pela mão de minha mãe, de visita à família do tio Anastácio, e quando lá chegámos, encontrava-se a sr.^a D. Mariquinhas à porta do seu quintal, sentada num banco pequenino, a fazer um casaquinho de malha para a sua neta Aninhas.

Minha mãe ficou a conversar com a avó da minha amiguinha, e eu fui a saltitar atrás duma borboleta muito linda, mas não a apanhei; não a quiz apanhar porque é pecado. Não devemos fazer mal, seja a que, ou a quem for.

Fui a vêr se via a Aninhas e fui encontrá-la adormecida na cama de sua avó. Que bonita que ela estava!

Mesmo a dormir era linda, aquela minha amiguinha! Não a acordei, porque também era pecado: sai muito devagarinho, não fôsse ela acordar. Fiquei com pena, pois eu ia a pensar pelo caminho, que havia de brincar muito com ela no quintal. Brinquei sósinha, mas sempre longe do



Tiotônio

pôço que estava quasi cheio de água e destapado, por descuido do tio Anastácio. E quando eu estava distraidamente a colher violetas para formar um «bouquet» para ofertar à Aninhas, quando ela acordasse, ouvi um baque na água do pôço, que me fez estremecer, muito assustada, mas sem saber do que se tratava. Minha mãe é que viu; era o gato que tinha saltado pela janela do celeiro e tinha caído dentro do pôço. Minha mãe e a sr.^a D. Mariquinhas vieram a correr, mas não puderam salvar o pobre animal. Agora já eu tinha pena d'ele; se pudesse lá ir buscá-lo... mas isso sim, eu era tão pequenina!... O tio Anastácio é que, chegando à janela por onde o gato tinha feito o salto de morte explicou tudo:

— Eu estava escondido atraz das massarocas de milho,

observando as manobras do cão, do gato e do rato, e quando êste saía do seu buraquinho, e o gato se preparava num salto para papar o rato, salta-lhe o cão em cima, com rapidez extraordinária, que o gato mal teve tempo de fugir muito assustado pela janela, não se lembrando de que no quintal estava o poço aberto e junto à parede do celeiro. Foi tal a precipitação na sua fuga desordenada, que caiu dentro do pôço. E quando o tio Anastácio lá chegou, era já tarde; o bichano tinha morrido.

Sem as formalidades legais foi o pobre gato retirado de dentro do pôço, e lhe foi dada sepultura junto a um canteiro de roseiras em flôr, e, eu e a Aninhas, lá fômos muita vez, derramar violetas na sua campa.

■ F I M ■

CORRESPONDENCIA



Abel Pereira da Silva — Lembro-me da tua «Lenda dos gafanhotos», que passou pelas minhas mãos. Que destino levou é que não sei. E' caso para quando mandares mais gafanhotos, fazê-los acompanhar de uma gaiola. Se tivesses um duplicado ou te lembrasses da história.

Ida Candida Reis de Souza — Muito engraçados os teus continhos, especialmente o do; coelhos brancos que

depois de emendado talvez se publique. Aqui para nós que ninguem nos ouve, Tem tantos erros de ortografia! Estuda bem o português pois te é muito preciso.

Outro assunto: O meu nome proprio não é Tiotônio...

Leonel Rosado Viegas — Bravo! Um continho muito bem feito, apesar de certos êrritos de pontuação e ortografia. Será publicado.

Guilherme B. B. Medeiros — As palavras cruzadas, devem vir já desenhadas a tinta da China bem como as soluções.

Como as tuas não veem...

TIOTÔNIO

Rua do Seculo, 43

Sacrifício do Bêbê

Por

MARIA CAROLINA P. DE CARVALHO

:: :: : Desenhos de TIOTÓNIO :: :: :



(Aos pequeninos e gentis leitores
do *Pim-Pam-Pum!*)

O' meu Menino Jesus
Eu vou dizer-te um segredo,
Mas não digas à Mamã,
Porque eu tenho muito medo.

Tu também és pequenino,
Também gostas de brincar,
Não ralhas cá ao menino,
Ou és capaz de ralhar?

Tu lembras-te no Natal
Teres-me dado um macaquito,
Que era mesmo tal e qual
O Faustino? — Que bonito!



Pois hoje, pela manhã,
Fui brincar para a janela;
Tinha saído a mamã,
A casa da Manuela.

Vi na rua um garotinho
A olhar p'ró meu macaco.
Friorento, coitadinho,
Nem sequer tinha casaco.

Se tu visses, tão magrinho!
Dei-lhe um bocado de pão;
Tinha fome, o pòbrezinho,
Pois até lambeu a mão!...

Atirei-lhe o meu macaco.
Principiou logo a rir
Todo contente, se visses!...
E desatou a fugir.

Tu não foste a casa dele,
Pela noite de Natal?
Se não foste, já te digo,
Que fizeste muito mal.

Mas agora é que me lembro,
Tu também és pobresinho!
Não terias tu dinheiro
Para dar-lhe um macaquinho?

Mas para o ano dar-lhe-hás
Um macaco de encantar.
Não me ponhas nada a mim,
Que eu prometo não chorar.